

Ronaldo José Moraca
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

**O itinerário intelectual de um amigo: uma homenagem a Stefan Vasilev
Krastanov***

Epígrafes:

Schopenhauer: “A morte é o gênio inspirador e a musa da filosofia. O homem, com sua consciência, a cada hora se aproxima mais de sua morte (...). Principalmente por causa disso o homem tem filosofias e religiões”¹

Heidegger: “Antecipar-se à morte nos abre para o ser: ‘a morte é o maior e mais elevado testemunho do ser’”².

Foi no quente outono de 2003, na cidade de Ribeirão Preto, que tive o primeiro contato com o professor Stefan Vasilev Krastanov. Descobri, nessa rápida conversa, que o cidadão Stefan V. Krastanov estava no Brasil desde 1999 e já havia realizado as mais diversas atividades em nossa pátria. Naquele dia Stefan estava radiante afinal, pela primeira vez, foi dada a ele a chance de exercer a profissão que havia escolhido, ainda jovem, na distante Sófia, na Bulgária, professor de Filosofia.

Stefan terminara a graduação em Filosofia na Universidade de Sófia ”ST. Kliment Ohridsky” em 1999, ano que visitou a Brasil pela primeira vez, e, sob a orientação de seu mestre e amigo Kiril Nikolov Chopov (falecido em 2014) desenvolveu uma investigação acerca da impossibilidade da Razão em determinar valores absolutos. A investigação intitulada “Relatividade dos Valores”, desenvolvida por Stefan ao longo dos anos de graduação, já contém alguns elementos que serão, posteriormente, retomados em seus trabalhos da maturidade, a saber, a primazia, para a Filosofia, das questões ontológicas, a relevância da criatividade para a Vida e a

¹ SCHOPENHAUER, A. Die Weltals Wille und Vorstellung I (O Mundo como Vontade e Representação I). Livro I. In: Saemtliche Werke. Ed. Wolfgang Frhr. Von Loehneysen. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986, volume I, p. 75.

² INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 217.

*Esse texto é dedicado a Vera Lúcia Teixeira Krastanov e Yanka Krastanov

desconfiança acerca da Razão, entendida como fundamento último, no tocante as questões ontológicas, éticas e estéticas.

De volta a Bulgária, Stefan ingressa no mestrado de Filosofia na Universidade de Sófia e elege o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche como referencial para um exame mais profundo acerca da importância da Arte. Stefan procurou entender o que levou Nietzsche, após realizar a apologia da obra *Opera and Drama* de Richard Wagner, recusar peremptoriamente a teoria de Wagner acerca da música e como esta reflete, de forma pessimista, a ideia mesma de mundo. Em sua dissertação de mestrado, Stefan se depara com os autores e as questões que irão lhe perseguir ao longo de sua vida acadêmica: Homero, Wagner, Nietzsche, Schopenhauer e, posteriormente, Heidegger e Sartre ocuparão lugares cativos em sua estante, da mesma forma que, as questões sobre a relação entre a Arte, o Belo, a Morte e a Vida serão temas que permaneceriam por toda a sua trajetória intelectual. Encantado pela sagacidade e originalidade do “Nascimento da Tragédia” de Nietzsche, Stefan vislumbra, no culto a beleza, exposto pela arte, tal como proposto pelo autor do “*Nascimento da Tragédia*”, o último lugar possível para realização de vida criadora.

A originalidade da interpretação da filosofia nietzschiana, proposta por Stefan, alcançará seu apogeu na tese de doutorado realizada na Universidade Federal de São Carlos. Das muitas aulas e das longas conversas com o Professor Bento Prado Junior (1937-2007) surgiu a proposta do projeto que, sob a cuidadosa e generosa orientação da Professora Thelma Silveira da Mota Lessa da Fonseca transformou-se na tese, defendida em 2010: “Nietzsche: Pathos Artístico versus Consciência Ética”, (publicada no ano de 2011 pela editora Paco com o título: Nietzsche: Pathos Artístico versus Consciência Ética). Na tese de doutorado Stefan expõe sua original interpretação acerca da filosofia nietzschiana a partir de uma questão que o perseguia já em seus primeiros escritos na Universidade de Sófia, a saber, **o que impulsiona a criação?** Segundo ele, será o pathos artístico, entendido como a força pulsional, que conduz a criação. O pathos artístico apresenta-se “...*não apenas como um fenômeno cultural que a palavra arte habitualmente denota, mas de uma efetivação da própria vida (Wirklichkeit) a partir da criação.*” (Krašanov, S. Nietzsche: Pathos Artístico versus Consciência Ética, Editora Paco, 2011). Resgatando uma das teses de Nietzsche exposta no “Nascimento da Tragédia” o mundo pode ser concebido como um fenômeno estético que pode ser interpretado/vivido pelo indivíduo por intermédio de criações artísticas. O ato estético conduziria o indivíduo a possibilidade de

substituir o pessimismo pela arte, entendida como forma expressão da vida idealizada e jamais alcançada. Devemos ressaltar, também, que, de acordo com Stefan, estabelecendo como fundamento o *pathos artístico*, entendido como força pulsional, a filosofia nietzschiana rompe, definitivamente, com a herança legada pelo modelo ético/político presente nas especulações socrático/platônica.

Após a defesa de seu doutorado Stefan ingressa, em meados de 2010, como professor adjunto no recém-criado curso de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Lecionando as disciplinas de História da Filosofia, Metafísica e Estética e coordenando o grupo de pesquisa *As Implicações Estéticas da Ontologia Contemporânea* e participando ativamente de outros grupos, Stefan foi agrupando uma grande quantidade de estudantes interessados pelas questões ontológicas e estéticas, suas concorridas aulas eram sempre instigantes e as questões ali propostas, não raramente ultrapassavam os limites da sala de aula, indo ocupar as mesas dos cafés e corredores da Unidade XIII (local que abriga os professores e alunos do curso de Filosofia).

No início de 2017 o curso de Filosofia da UFMS recebe sua primeira turma do programa de Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo), Stefan participa ativamente do processo de seleção dos candidatos e se dispõe a lecionar na primeira oferta de disciplinas. Nesse período lembro que conversamos no café próximo a coordenação de Filosofia, sobre planos futuros. Ele expôs que estava particularmente interessado em reler a *Ilíada* e *Odisseia* para entender melhor o impacto da obra de Homero para a Filosofia ocidental e desejava voltar a Bulgária “...*mesmo que fosse por uma semana*”. Ficou combinado naquele dia que: logo que os primeiros frutos da leitura de Homero surgissem, eles seriam apresentados como uma espécie de aula inaugural para os alunos de Filosofia.

O desenvolvimento dos fatos ao longo de 2018 fez com que Stefan, solicitasse a aposentadoria e iniciei o ano letivo de 2019 sem meu amigo e os alunos sem o estimado professor. Em uma nova conversa, no início do ano de 2019, em nosso café favorito, fiquei sabendo que a desejada viagem para Bulgária já estava marcada, tomei coragem e resolvi “cobrar” a aula inaugural, afinal seria momento propício para que professores e alunos do curso de Filosofia tivessem a oportunidade de ouvir mais uma vez o professor Stefan.

No dia 11 de março, com auditório lotado, tivemos a oportunidade de homenagear e ouvir, mais uma vez, o professor Stefan V. Krastanov falar sobre suas primeiras impressões sobre as figuras de Aquiles e Ulisses. O texto parte “... (d) *a hipótese que vou levantar (...) a questão da morte-vida-imortalidade inaugura o filosofar. Aqui temos que distinguir filosofar e filosofia. A Filosofia tem começo cronologicamente registrado. O filosofar não tem. Como Kant dizia: “como e quando o homem começou a filosofar nós não podemos precisar”. Em outras palavras, o filosofar começou no momento que o ser humano se deu conta que é finito, que é mortal. Nesse sentido podemos interpretar o pathos como início da filosofia. É um consenso entre os filósofos, antigos e modernos, que o pathos é arque da filosofia.*” (As Aventuras de Homero na Filosofia. Texto apresentado, ainda não concluído, na aula inaugural proferida no dia 11 de março de 2019).

Após esse início provocador o professor Stefan expos, por quase um a hora e meia, algumas conclusões que havia extraído da releitura da obra de Homero. No centro de sua apresentação estavam as figuras de Aquiles e Ulisses. O primeiro representado “... *o artista e o guerreiro, de modo tal que ambos se confundem: o artista vira herói valente na sua cena e o guerreiro – artista genial em seu combate. Em contrapartida, na personagem de Ulisses encontramos os germens da astúcia racional que, como veremos mais adiante, dá sustentação aos anseios metafísicos e morais. Independente das diferenças abismais que se projetam entre ambos, Aquiles e Ulisses parecem desenhar duas tendências-intuitiva e racional que vão protagonizar no trajeto especulativo da filosofia ocidental. Nesse contexto, podemos afirmar que Homero, embora seja o primeiro mestre dos gregos, é, também a primeira remessa da filosofia ocidental.*” (Extraído do Texto: *As Aventuras de Homero na Filosofia*).

Na bela exposição proferida pelo Professor Stefan, notei um desejo de enfrentar, de uma única vez, todas questões que há tempos o incomodava: a criação, a arte, o belo, o projeto ético/político socrático-platônico, a vida a morte. Alguns dias após a exposição perguntei a ele: “*Por que enfrentar tantas questões em um só texto?*” Ao que ele prontamente respondeu: “*Quem garante que terei uma nova oportunidade?*” Naquele dia garanti a ele que, após seu descanso na Bulgária, seria convidado para proferir um minicurso, assim teria tempo suficiente para expor todas as questões. Nos despedimos e desejei uma ótima viagem e que estaria a sua espera, no café da UFMS, para oficializarmos o minicurso. Até hoje não voltei mais ao café,

nosso local preferido para conversas filosóficas e amenidades, no entanto, me conforta saber que: *“A morte precoce retifica a eterna juventude e a beleza do combatente. Ela opera uma modificação significativa ao transformar o corpo (sôma) em uma bela obra de arte pela qual o aedo toma inspiração para compor seus cantos, tornando inseparável a canção épica e a fonte da qual ela brota e toma inspiração ...”* (Extraído do texto As Aventuras de Homero na Filosofia).